

## **Representações estudantis da Cultura Escolar Rural: o *Ecos da Mocidade Rural***

*Magda De Abreu Vicente*

### **RESUMO**

Este trabalho discute a importância dos impressos estudantis como possibilidade de emancipação ou de reprodução ideológica em uma dada realidade. O impresso ora analisado, “*Ecos da Mocidade Rural*”, foi órgão do Centro Social Cel. Pedro Osório, da Escola Agrotécnica Visconde da Graça, situada em Pelotas, RS e refere-se aos anos de 1949 a 1953. É um estudo que destaca o uso dos impressos estudantis para a educação rural onde é possível perceber as relações que compunham o cotidiano da escola, práticas discentes e suas representações de cultura escolar. O “*Ecos*” produziu, ao mesmo tempo em que reproduziu um modo de pensar o rural. Aqui, no caso, muito mais retratando orientações já estabelecidas para os rurais do que propriamente ousando inovar e discordar do que já estava estabelecido. No entanto, há que se destacar a criação de uma representação institucional estudantil constituída num ambiente escolar com normas rígidas e norteadoras de costumes e hábitos. Os autores utilizados para embasar a discussão sobre os impressos estudantis são: Amaral (2002); Amaral e Silva (2007); Nóvoa (1997) e Werle (2013). O artigo baseia-se no referencial da história cultural tendo como principais autores, Chartier (1988) e Pesavento (2005).

**Palavras-chave:** impresso estudantil; representações estudantis; cotidiano; cultura escolar rural.

### **Introdução:**

Este estudo focaliza a vinculação de um impresso estudantil, o “*Ecos da Mocidade Rural*”, órgão do Centro Social Cel. Pedro Osório, da Escola Agrotécnica<sup>1</sup> Visconde da Graça, com os ideários para a formação do homem rural, então atribuídos à população do campo, nas décadas de 1940 e 1950. O presente estudo busca entender parte da cultura escolar inserida no contexto de uma instituição federal de formação de técnicos agrícolas. O impresso estudantil circulou mensalmente na escola e regiões do interior de Pelotas, pois os exemplares eram assinados pelos familiares dos alunos que vinham de regiões circunvizinhas. Foram

---

<sup>1</sup> O termo Agrotécnica foi encontrado de forma diversa nos documentos e bibliografias consultados. No Jornal *Ecos da Mocidade Rural*, a nomenclatura utilizada era “Agro-técnica”, porém, a bibliografia e outros documentos da instituição, referem-se como “Agrotécnica”.

analisados um exemplar de 1949 (mês de agosto), um exemplar de 1950 (mês de agosto) e 7 exemplares do ano de 1953 (de abril até outubro)<sup>2</sup>.

Dessa forma é importante atentar para os discursos educativos que eram atribuídos à educação rural. Discursos esses advindos das ideias do ruralismo pedagógico e sua concepção de educação para o rural.

Em síntese, o Ruralismo Pedagógico atribuía para a educação rural, ideias nacionalistas recorrentes na República, cujo principal mote de orientações era a contenção do êxodo rural, a vocação agrícola do Brasil e a necessidade de modernizar este setor via educação.

Simultaneamente a esses discursos, se constroem as particularidades dos estudantes que desenvolvem suas representações da cultura escolar. A representação de um grupo ou do sujeito na sua individualidade é moldada através de uma série de discursos que são cruzados por práticas “complexas, múltiplas, diferenciadas” (CHARTIER, 1988, p. 28). É buscando entender essa complexidade que passamos a averiguar o contexto em que estava situada a referida instituição escolar analisando a produção e circulação do jornal e sua representação de cultura escolar. Por último traz seus elementos conclusivos.

### ***Ecoss da Mocidade Rural: representações de uma cultura escolar***

O “*Ecoss da Mocidade Rural*” circulou na Escola Agrotécnica Visconde da Graça<sup>3</sup>, que foi fundada em 1924 então com a denominação de Patronato Agrícola Visconde da Graça.

O contexto econômico de sua atuação educativa remete às primeiras décadas do século XX, portanto, da emergente República. Pelotas, cuja base econômica assentava-se na economia charqueadora, que nesse período declina, passa a desenvolver uma economia agrícola que deve ser suprida com mão de obra qualificada para e pelo homem do campo (MONTEIRO, 2007). O Patronato surge com a intenção de suprir as necessidades econômicas da região e como uma

---

<sup>2</sup> Esses exemplares foram gentilmente doados à autora por um dos ex-diretores do Jornal e também ex-aluno da instituição: Ilo Mendes Boucinha. Como os exemplares não estão disponíveis em acervo público foram analisados apenas estes. Uma amostragem significativa em se tratando de jornais estudantis.

<sup>3</sup> Atualmente esta instituição denomina-se Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça e pertence ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul Rio Grandense (IF-Sul). Em 1934 o Patronato foi transformado em Aprendizado Agrícola Visconde da Graça. Em 1947, passou a se denominar Escola Agrotécnica Visconde da Graça que permaneceu com este nome até 1975 quando passou a denominação atual, Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (CAVG).

alternativa para enquadramento das classes menos favorecidas à sociedade republicana da época.

Ao mesmo tempo, em nível nacional, os Patronatos foram símbolos das classes dominadas e também fruto de uma economia muito mais agrária do que industrial tendo em vista que a modernização do país foi preocupação anterior ao período republicano.

A orientação para a instalação destas instituições não fugiu as regras do pensamento civilizatório, moral e positivista vigente na época. Contudo, há que se aliar a estas ideias a necessidade de sanar as dificuldades econômicas advindas do setor primário. Também surgiu como saída para orientar crianças que necessitavam de serem tiradas dos centros urbanos, fosse porque atrapalhavam o bom convívio citadino, fosse porque eram considerados delinquentes ou mesmo porque sua força de trabalho poderia inovar em técnicas de cultivo agrícola.

Essas instituições, que surgiram como Patronatos, foram instaladas sob o decreto nº 12.893, de 28 de fevereiro de 1918 (OLIVEIRA, 2003), devido a uma preocupação capitalista em equiparar-se com os países mais desenvolvidos em termos de modernidade, onde o progresso e a civilização surgiriam como as máximas desse almejado desenvolvimento.

O Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio era o órgão responsável pelos Patronatos que direcionava suas ações no sentido de uma modernização técnica e econômica, com ensino e pesquisa. Os Patronatos, além de buscarem atingir este objetivo, tentavam também atuar sobre os setores mais pobres da sociedade. Acabavam vinculando utilidade e funcionalidade, pois serviriam para se destinar àqueles que estavam no ócio e também contribuiriam para a modernização do país, conforme um modelo de trabalho mais técnico e científico, no sentido de dar também preparação para os trabalhadores ligados ao setor rural, formando o *verdadeiro agricultor brasileiro*.

A instalação dessas instituições sofreu forte influência dos pensadores do Ruralismo Pedagógico. Dentre os pensadores do Ruralismo Pedagógico estão: A. Almeida Junior; Silvio Galvão; A. Carneiro Leão; Anísio Teixeira; Alberto Torres, Sud Menucci, dentre outros.

Dessa forma, o Ruralismo Pedagógico preconizava uma educação voltada para o trabalhador rural e que proporcionasse uma evolução na sua forma de produzir, levando o país à modernização agrícola e ao mesmo tempo, aumentando sua produção. Dessa forma o trabalhador, além de fixar-se ao campo, a ele se tornasse súdito e fiel, arraigando e intensificando o espírito brasileiro nacionalista tão difundido no país, principalmente a partir do Governo de Getúlio Vargas.

Os pensadores desse movimento propuseram a criação de uma pedagogia específica para o homem rural, que os levasse à fixação do homem no campo. Nesse sentido, Neto (2003, p. 20), explicita que:

Não se pode entender, porém, o ruralismo pedagógico sem que compreendamos os ideais nacionalistas que predominavam à época. Pode-se dizer que muitas propostas pedagógicas de então surgiram com várias facetas de nacionalismos. Havia aqueles pensadores que, como Anísio Teixeira, defendiam a industrialização ou aqueles que, como Sud Menucci, Carneiro Leão e Alberto Torres, defendiam a ruralização do Brasil. Todos porém, tinham em comum alguns aspectos, como a defesa da língua portuguesa e o fortalecimento do ensino e da nação.

A vista disso os Patronatos foram instalados para atender a parcela mais pobre da população e tirar os considerados “desvalidos da sorte” das ruas, tornando-os aptos ao convívio civilizado e normas sociais, ao mesmo tempo em que lhes prepararia para o trabalho.

Ao longo de suas histórias, instituições que surgiram como Patronatos, foram recebendo outras nomenclaturas. No ano de 1934 os Patronatos passam a denominarem-se Aprendizados Agrícolas, dispensando *teoricamente* de sua formação, aquela que lhe deu origem: a regeneração da infância. Os aprendizados deveriam ser mais voltados para a formação prática agrícola e menos para correção (NERY, 2009). Já no ano de 1946, com a implantação da Lei Orgânica do Ensino Agrícola (Lei 9.613) alguns Aprendizados viraram escolas Agrotécnicas, como foi o caso do Visconde da Graça. A instituição passa então a ministrar, além do ensino de 4 séries do 1º ciclo, que formava os alunos em mestres agrícolas, o ensino de 2º ciclo com mais 3 séries que habilitavam os alunos em técnicos em Agricultura, Horticultura, Zootecnia, Práticas Veterinárias, Indústrias Agrícolas, Laticínios e Mecânica Agrícola (NEUVAULD, 1996) .

A escola Agrotécnica Visconde da Graça recebia alunos de Pelotas, do interior e cidades vizinhas. Até a década de 1950, atendia somente meninos em regime de internato, pois as meninas só entraram para a escola em 1957 e apenas nas décadas de 1960 passaram a atender semi-internos dos bairros ao redor da escola (ANTUNEZ, 1996).

O “*Ecos da Mocidade Rural*” foi um jornal estudantil mantido pelo Centro Social “Coronel Pedro Osório” (CECPO), criado em 20 de abril de 1945 com o objetivo de “auxiliar a direção na organização do esporte, lazer, atividades cívicas e sociais do educandário” (ANTUNEZ, 1996, p. 83).

Cabe destacar que materiais impressos de produção estudantil passam a circular de forma destacada a partir da década de 1930 em alguns espaços escolares, seja porque a imprensa ocupava um lugar de destaque na sociedade ou porque os estudantes passam a

ocupar mais os espaços de debates (AMARAL 2003) pois a imprensa se institucionaliza com um lugar “estratégico de discurso” (BASTOS, 2002) até mesmo para os estudantes.

Os impressos estudantis constituem-se em importantes documentos referentes à cultura escolar. Atualmente os pesquisadores de história da educação, principalmente ligados à história cultural, passaram a incorporar em suas pesquisas diversos estudos que contextualizam a escola e sua organização interna, trazendo, portanto, os espaços escolares, seu funcionamento e sua atuação. Atuação que reflete não apenas as normas legislativas e orientações governamentais, mas demonstra como o contexto interno escolar pode revelar uma prática cultural que se configura em identidade escolar. Sobre o assunto Juliá (2001, p. 10-11) esclarece que,

[...] poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação.

A comunidade de uma instituição escolar fomenta debates, age sobre normativas e pode ou não incorporar ideias do espaço em que vivem, mostrando parte da realidade e das relações que a escola mantém, inclusive podendo oferecer resistências, produzindo ou reproduzindo os modelos educacionais vigentes.

Os impressos possibilitam ao pesquisador visualizar discursos e manifestações culturais, mostrando um projeto de sociedade. Para Amaral: “Tais fontes, que se caracterizam pelo seu caráter polêmico e por vezes passageiro, muitas vezes de relação às normas estabelecidas, representam um produto cultural de sujeitos específicos em determinado contexto histórico” (AMARAL, 2002, p. 122).

É como o desprestígio das produções que trazem no seu âmbito, artigos de alunos que podem ou não ser valorizados pela comunidade escolar. Geralmente os impressos estudantis mostram uma irreverência nas suas publicações onde, através de textos, charges, caricaturas ou sátiras, os alunos publicam particularidades escolares que nem sempre foram bem aceitas naqueles espaços.

Lembramos que as décadas de 1940 e 1950 já sofriam influências<sup>4</sup> das teorias educativas. Os alunos eram considerados parte importante do processo educativo e não

---

<sup>4</sup> No início do século XX há um movimento insurgente em torno da educação. Uma união de esforços brasileiros para que a educação chegasse ao povo em geral, união esta que se divide em dois grandes grupos ou movimentos: o grupo da Escola Nova e o grupo da Igreja Católica, ambos primando pelo mesmo objetivo

somente meros consumidores da educação. No entanto o aluno ainda não havia se consagrado no espaço escolar com a força que ocupa na atualidade. Sendo assim, os impressos serão reflexos do lugar que esses alunos ocupavam.

Para Nóvoa (1997) uma das razões para o uso da imprensa em educação refere-se à natureza da informação,

Estamos perante reflexões muito próximas do acontecimento, que permitem construir uma ligação entre as orientações emanadas do Estado e as práticas efetivas na sala de aula [...] A imprensa é, talvez, o melhor meio para compreender as dificuldades de articulação entre a teoria e a prática: o senso comum que perpassa as páginas dos jornais e das revistas ilustra uma das qualidades principais de um discurso educativo que se constrói a partir dos diversos actores em presença (professores, alunos, pais, associações, instituições, etc.) (NÓVOA, 1997, p. 13).

Assim, a imprensa estudantil é “produzida em instituições escolares que atendem a essas características ao fornecer indícios da interpretação e do significado que os alunos atribuíam à vida escolar, suas práticas, seus valores, seus ritos, suas crenças e seus símbolos” (WERLE, 2013, p. 294).

Analisando esse tipo de fonte, não é demais lembrar que os impressos estudantis são mais encontrados em acervos particulares do que nas bibliotecas e arquivos das próprias instituições. Geralmente ligados a Grêmios Estudantis, os acervos também são encontrados nesses espaços. Os impressos por nós analisados foram disponibilizados a partir de acervo particular de ex-estudante da instituição.

Assim era a apresentação do referido jornal, conforme a figura 1:



Figura 1: *Ecos da Mocidade Rural*. Capa de 30 de junho de 1953.

Primeiramente cabe ressaltar como o periódico se apresentava afim de que possamos entender aspectos que nos elucidam sobre aquele contexto escolar, seus costumes e representações.

Importa também destacar que a apresentação do jornal (período, âmbito de circulação, forma de distribuição, de impressão, tiragem, estilo tipográfico, número de edições, de páginas, editores e tipo de conteúdo), elucidada e oferece entendimento sobre o lugar que a publicação ocupou dentro da instituição escolar, pois o “estudo da maneira como os textos, e

os impressos que lhes servem de suporte, organizam a leitura que deles deve ser feita” (CHARTIER, 1988, p. 124) ajuda no entendimento da representação que os estudantes fazem de dada realidade.

Conforme mencionado anteriormente, o jornal *Ecos da Mocidade Rural*, foi órgão do Centro Social Cel. Pedro Osório apresentando uma média de 6 páginas, podendo variar em alguns exemplares. Foram analisados um exemplar de 1949 (mês de agosto), um exemplar de 1950 (mês de agosto) e 7 exemplares do ano de 1953 (de abril até outubro).

O Jornal possuía o formato de uma folha A4 e dividia-se em colunas. Seu conteúdo era preenchido geralmente por artigos dos próprios alunos mas houve exemplares em que parte do corpo docente ali se pronunciou geralmente trazendo assuntos relacionados a questões agropecuárias.

O primeiro exemplar, de 1949 e o exemplar de 1950, apresentavam as letras mimeografadas e o restante dos exemplares já eram apresentados com formato de impressão, sendo impressos na Escola Tipográfica do Instituto de Menores de Pelotas, localizado no bairro Areal. Essa modificação na forma de impressão do jornal demonstra também que o impresso passou a adquirir maior reconhecimento pela comunidade, inclusive passou a circular junto aos pais dos alunos e a comunidade local, conforme notícia a seguir: “Aos leitores: A direção deste jornal tem a grande honra em dirigir-se aos nobres leitores comunicando que qualquer importância a ser remetida pela assinatura deste mensário, deverá ser enviada pelo correio com valor declarado ou pelo Banco (1953, ano IV, nº3, p. 4)”.

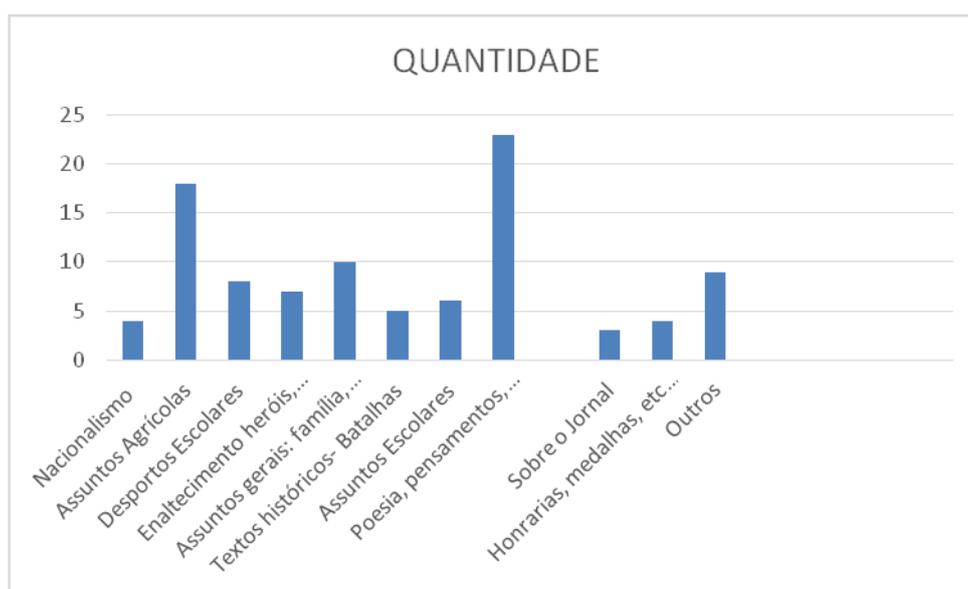
A notícia demonstra que havia uma arrecadação junto à comunidade para que o jornal se mantivesse circulando. Também é possível perceber que a produção e circulação das notícias ali trazidas, iam para além do ambiente escolar, levando a expectativa do público jovem aos familiares e também levando informações sobre formas de educar o rural, como trataremos adiante.

Cabe salientar que nem sempre o jornal conseguiu manter suas publicações como gostaria. De acordo com a análise dos exemplares consultados, foram esforços de algumas pessoas em especial que fizeram a diferença para que as publicações viessem a circular. Como afirma Ilo Mendes Boucinha, diretor do jornal:

O “Ecos da Mocidade Rural” conseguiu passar por tudo que encontrou pela frente. Em um ano, o de 51, não houve nenhuma tiragem. Noutra, só se editou um número; assim vinha marchando o “Divulgador de nossas ideias”. Foi nesse ano de 53 que o “Ecos da Mocidade Rural” tomou pé em terra firme. É o que tudo nos indica. Faltava um braço forte que conseguisse elevar e mostrar ao povo o nosso jornal. A fibra que faltava nos outros dirigentes de outrora sobejou no JOSÉ FIRMINO. A

ideia de convidar as famílias dos alunos para assinar o jornalzinho devemos ao MÁRIO OLINTO. A sua execução, a impressão dos jornais, o sacrifício devotado a essa causa e a persistência demonstrada pertencem ao já citado FERMINO. O nosso Centro Social necessita de homens que tenham em mente ajudar o erguimento de nossa Agremiação. Se em cada setor notássemos um FERMINO ou um CARLOS PEREIRA, ou RUI BITENCOURT, certamente o progresso seria muito maior. Ainda esperamos que novos valores apareçam, para que nos orgulhemos de ser seus colegas. I. M. Boucinha. Presidente do centro social “Cel. Pedro Osório” (1953, ano IV, nº 4, p. 1).

Outra questão relativa à produção do jornal refere-se aos alunos que faziam parte da direção deste. Alguns permaneceram por longo período na direção do periódico o que simboliza uma estabilidade no perfil do que era tratado e publicado conforme nos demonstra a tabela a seguir:



**Tabela 1: Principais assuntos trabalhados nos jornais analisados**

A análise acerca dos assuntos tratados no jornal diz muito sobre a representação cultural escolar. De fato, o tratamento de assuntos como *poesias e pensamentos* era comum em publicações estudantis, pois costumavam tratar de assuntos político-ideológicos, humorísticos, comportamentais e patrióticos nesse tipo de periódicos (AMARAL, 2002).

Não é de se estranhar que temas humorísticos apareçam com veemência nas publicações, pois é característica comportamental dos jovens uma maior dosagem de humor, o que simboliza a expectativa desse tipo de público. Porém, outra questão que colabora é o fato de que os alunos internos tinham pouco acesso ao mundo fora do ambiente escolar e estamos evidenciando uma cultura escolar típica de um ambiente de internato. Assim, é legítimo que instituam ações para tornar esse ambiente um pouco mais leve e animado visto que o internato dessas instituições era um local que perpetuava uma grande exigência quanto ao trabalho em

práticas agrícolas e domésticas, sendo estes afazeres realizados pelos alunos (VICENTE, 2010).

Voltando a questão das publicações, essas demonstram uma representação que coaduna com o objetivo maior da instituição: educar para o trabalho rural. Notemos que depois das publicações poéticas e de pensamentos, os assuntos agrícolas recebiam maior destaque com a média de 18 publicações. O que revela que os interesses dos grupos sociais envolvidos assumem a posição daqueles que os forjam trazendo uma espécie de identidade que caracteriza o ambiente escolar. Não se pode esquecer que a produção escrita proporciona sobre os leitores duas possibilidades de intenções: um poder de condicionamento ou uma liberdade singular (CHARTIER, 1988) dentro das condições de produção do texto, que revelam diferentes sentidos e expectativas das quais não podemos mensurar neste artigo.

Numa época em que o rural era considerado incivilizado em relação ao homem urbano, a reportagem de um aluno do 1º ano Mestria, não deixa de corroborar com essa ideia. Pedindo mais escolas e auxílio à população de zona rural, o estudante acredita que os agricultores irão melhorar suas técnicas e ao mesmo tempo demonstrarem amor pela Pátria.

Ensinar praticamente a população rural do Brasil, especialmente aos jovens futuros defensores da Pátria, é clarear um pouco, o caminho escuro e tão angustiado da nossa população rural, que não dispõe de capital intelectual e material, para entender e praticar a agricultura, nos seus métodos modernos (ECOS DA MOCIDADE RURAL, 1953, nº 7, p. 2).

As condições de produção desse jornal, mostram também que os textos referentes a pensamentos e poesias, por vezes ocupavam pouco espaço nas páginas e por isso acredita-se que podiam mesmo ser publicados em maior quantidade, visto que os próprios textos de questões agrícolas geralmente discorriam em extensos argumentos, ocupando assim, uma parte maior da página.

Porém, um fato sobre as condições de produção destes textos, diz respeito à participação dos próprios membros da equipe diretiva publicarem no jornal. É o caso do artigo “Mecanização da lavoura” escrito no jornal nº II, ano IV, de 30 de abril de 1953. O referido artigo ocupa toda a primeira página do jornal e sua autoria remete ao diretor da instituição, Jaime Soares de Oliveira<sup>5</sup>.

Como podemos observar um dos objetivos do Centro Social Coronel Pedro Osório era auxiliar a direção nos seus diversos assuntos referentes principalmente a recreação. Tarefa que o jornal cumpria com afincos pois não conseguimos identificar nenhuma notícia que fizesse

---

<sup>5</sup> Jaime Soares de Oliveira foi diretor desta instituição por 24 anos, ficando nela de 1931 até 1955. (VICENTE, 2010).

críticas aos dirigentes. No entanto, como referido anteriormente, é recente a característica de participação dos estudantes com instituições organizadas. Acredita-se que somente com a evolução dos anos os alunos começaram a tomar para si a tarefa de criticar os problemas institucionais, como identificamos nas publicações atuais do público jovem.

Assim, a cultura escolar aqui demonstrada perpassa um ideário de enaltecimento a Pátria e a história baseada em grandes feitos. Algumas reportagens ajudam a exemplificar. Dados biográficos de Coronel Pedro Osório (1953, Ano IV, nº 4, p. 6) e Homenagem aos farrapos (Ano IV, nº 7, p.5). Outra questão muito recorrente é a adoração a Pátria. Em reportagem sobre o dia do trabalhador, estampada na capa do jornal nº 3, de 1953, assim refere-se sobre a necessidade de refletir essa data:

E para isso o dia do trabalho é particularmente útil e propício para orientarmos o roteiro de nossa existência e refletirmos sobre a finalidade de nosso viver e termos contribuído em forma espiritual a concretização dos ideais de grandeza moral e progresso material da nossa grande pátria comum (ECOS DA MOCIDADE RURAL, 1953, nº 3, p.1).

Outras reportagens o mesmo refletem. Com o título “A parada da juventude”, um ex-aluno da instituição, assim descreve seu sentimento ao ver o desfile dos alunos da escola: “Que glória maior poderia a Escola Agro-técnica chamar para si! Sinto-me perfeitamente à vontade para transmitir o que ouvi, porque sendo militar, sei o que quer dizer alinhamento, garbo, disciplina, etc.” (ECOS DA MOCIDADE RURAL, 1953, nº 7, p. 6).

O exemplar nº 8, de 1953, deu destaque para o aniversário dos 30 anos da escola. Divulgou as comemorações que variaram entre missa, canto do Hino brasileiro, apresentações teatrais e atividades esportivas. O jornal irradiou em suas páginas orgulho da escola, patriotismo e religiosidade. Neste trecho, podemos perceber: “Gloriosa é a escola que une o trabalho à missão de aprender. Num mesmo plano, lado a lado estão o mestre e o aluno; noutra cadeira um do último ano, depois um do primeiro, e assim se misturam sem regra as preces de todos” (ECOS DA MOCIDADE RURAL, 1953, nº 8, p. 5). O mesmo transparece no discurso pronunciado pelo aluno Oscar Filho, ao representar o Centro Social, em homenagem à escola: “Nossa escola, sob a direção competente do nosso ilustre Diretor, tem sofrido radicais transformações. Com uma vitalidade que vai aumentando progressivamente porque as intenções valem o que valem os homens que as integram” (ECOS DA MOCIDADE RURAL, 1953, nº 8, p. 6).

Não se pode esquecer o fato de que a instituição e seus dirigentes representavam muitas vezes grande parte da vida dos alunos. Nesses espaços, a *pedagogia do internar* se fazia presente exercendo uma rigidez disciplinar semelhante a dos quartéis. Essa presença era

marcada pelo rígido controle e fiscalização exercida nesses Aprendizados, originários dos Patronatos. (CONCEIÇÃO, 2008a).

Cinco características da *pedagogia do internar* eram exercidas nos internatos das Escolas Agrotécnicas Federais: o atendimento de meninos e jovens pobres e de zona rural; a oferta de espaços específicos de internamento; as regras de controle e fiscalização das atividades, do tempo e do espaço “procurando coibir manifestações consideradas inadequadas” (CONCEIÇÃO, 2008b, p. 4) e a instrução do trabalho físico de *aprender a fazer fazendo*.

Entendemos que nesse sentido, essas relações de coerção e fixação de condutas foram inculcando hábitos e valores que formaram os estudantes e que nesta medida, e apenas nesta, eram representadas no jornal *Ecos da Mocidade Rural*. Não cremos cometer atrocidade por entender que esse jornal coadunava com a direção, pois seus alunos não demonstraram, pelo menos nas publicações analisadas, forjar outro comportamento de maior enfrentamento junto à direção escolar. Era comum nas publicações deste jornal a referência a membros da direção com os pronomes de tratamento: Sr e Exmo Dr. como de fato também poderíamos visualizar nos meios de comunicação da época.

Não obstante, uma notícia é intrigante e foi publicada sob o título: “Advertência Coletiva”.

No meu ponto de vista, a disciplina concorre para a união dos alunos, fazendo com que os colegas vindouros encontrem nestes antigos alunos um espírito de cordialidade. Os estudantes que levantam calúnias a fim de conquistarem cartazes, por assim dizer, não merecem nosso apreço e, nem sequer, o tratamento que se deve usar a um bom educando. Merecem, ditas as pessoas dessa natureza, a repugnância dos demais. Por isso, meus caros colegas, não almejam fazer amizades com aqueles que só usam palavras de censuras e críticas quando se referem aos colegas. (ECOS DA MOCIDADE RURAL, 15 de agosto de 1949, nº2, p. 4)

A notícia não nos dá base para o entendimento da natureza dessa advertência, mas demonstra que havia disputa e sim, “calúnias” entre alguns alunos. Neste caso o tom de moralidade exercido na notícia causa admiração. Esses estudantes são *dignos de condenação*, pois segundo a publicação, não são bons educandos e não devem ser apreciados por ninguém. Assim, os alunos se utilizavam do jornal para questionar os colegas não demonstrando ou mesmo não podendo questionar as excessivas regras do internamento.

Como é sabido, a imprensa estudantil é um “artefato cultural produzido por alunos para seus pares e comunidade escolar, que evidenciam o seu modo de percepção das práticas e discursos” (AMARAL e SILVA, 2007, p. 21). Assim, tanto quanto podemos alcançar, e dentro das limitações dos exemplares analisados, passemos há pensar um pouco sobre a própria representação de educação rural, evidenciada como parte da cultura escolar deste

ambiente e refletida nos alunos. Lembremos que “cultura escolar é tudo que permeia o espaço educativo: práticas, discursos, debates, contradições, desejos, aflições, alegrias, medos...É um viver cotidiano que envolve um número elevado de sujeitos” (AMARAL e SILVA, 2007, p. 21) e que traz consigo representações construídas por esse mesmo número elevado de sujeitos.

Segundo Pesavento (2005, p. 39-40),

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais próprias, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. Representar é, pois, estar no lugar de, é presentificação de um ausente (...) não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, mas uma construção feita a partir dele.

Essa construção também se dá no âmbito de como os alunos entendiam suas práticas e ações para trabalhar no meio rural. Suas principais publicações sobre assuntos agrícolas reproduzem o imaginário da época. Versam sobre técnicas de produção de agricultura e criações de animais. Temas como: vantagens da cultura de leguminosas e seu incremento; equinos; incubação artificial; erosão; mecanização da lavoura; cooperativismo e combates de pragas demonstravam que os estudantes estavam preocupados com o tipo de trabalho que iriam realizar mostrando que o currículo da Escola Agrotécnica lhes atribuía sentido e até mesmo preocupação.

Outro tema bastante evidenciado eram as cerimônias institucionais sendo que apareceram: Dia do Patrono; Dia da Árvore; Quadros de honras; Comemoração ao aniversário da escola; Parada da Juventude; dentre outros que demonstraram as festividades comemorativas realizadas no ambiente escolar. Além de um variado número de publicações esportivas.

Oliveira (2008b) denomina “atividades suavizantes” àquelas que diminuía a pesada rotina disciplinária que existia nos internatos. Percebemos essas práticas no jornal e podemos dizer que eram uma forma de resistir, mesmo que de *conformidade* com a direção escolar, ao pesado regime ali instalado. Dizemos resistir, visto que, a partir delas, os alunos deveriam se autogerir e organizar práticas que sob uma ótica autônoma, lhes garantiam lazer, ao mesmo tempo em que não importunavam os membros da equipe diretiva. No entanto, apesar do jornal não evidenciar, e talvez nem mesmo puder evidenciar, práticas de resistências sempre existiram nos internatos.

Para o Foucault (2008) não há sociedade sem relações de poder, elas sempre aconteceram e acontecerão entre homens livres. “O poder pressupõe resistências em todos os

níveis, numa eterna disputa. O regime de internato é uma forma bastante clara desse exercício de poder e disciplina, pois é baseado nesse sistema que se destina todo um processo pedagógico” (VICENTE, 2010, p. 103).

Quanto ao restante das publicações destacam-se aquelas que referiam-se à acontecimentos históricos, questões patrióticas e batalhas, como já demonstramos em algumas reportagens. Questões essas que eram muito comuns na época pois o país vivia ainda sob a política de nacionalização do ensino<sup>6</sup> aplicada pelo governo de Getúlio Vargas e outrossim, vivia sob uma ideologia que mais ainda atuava sobre os escolares, qual seja, a ideologia que apregoava a Ordem e o Progresso, via boa relação com a Pátria, representada pela própria instituição escolar.

### **Considerações finais**

Apesar do jornal estudantil, *Ecos da Mocidade Rural*, ser uma fonte considerada de caráter passageiro, podemos dizer que se constituiu em relevante conteúdo para entender a cultura escolar do ponto de vista dos estudantes. Sua circulação extrapolou o ambiente escolar, demonstrando um grau elevado de credibilidade entre familiares e comunidade pelotense. O fato dos assinantes poderem depositar em Banco as quantias para ajudar o jornal, leva a inferir um determinado padrão econômico ou até mesmo cultural dos familiares dos alunos. Prática que se contrapõe ao período em que a escola era somente Patronato, pois ao se tornar escola Agrotécnica e ampliar sua formação, também modifica o perfil do alunado demonstrado através da própria circulação e manutenção do jornal entre os familiares.

As publicações indicaram que os estudantes reproduziram vários dos ideais para os quais a escola objetivava: um profissional que ampliasse os horizontes das técnicas agropecuárias e que ao mesmo tempo fosse um súdito cidadão brasileiro, fiel à pátria e mantenedor de sua ordem e progresso.

As notícias revelaram valores morais arraigados na sociedade em que pesem sua associação às direções escolares e a própria condenação de condutas discentes. Ao mesmo tempo os ritos e símbolos de lazer, como desportos e festas, demonstram uma necessidade de liberdade em relação a um regime bastante rígido de disciplina escolar.

---

<sup>6</sup> O Decreto-Lei nº 35, de 13 de janeiro de 1938, dispõe sobre a proibição de diretores estrangeiros nas escolas e oficializa o português como língua oficial.

Percebe-se a eficácia das ideias e modelos propagados pelos ruralistas pedagógicos bem como pelos escolanovistas. Ao mesmo tempo há que se destacar que a instituição representava para os estudantes, também o convívio familiar que lhes era restrito às relações no interior do internato, e portanto, fonte inspiradora de suas vidas (ALMEIDA, 2007).

## Referências

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Memórias do Rural: narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública (1950-1960)**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós – Graduação em Educação. 2007. 272f.

AMARAL, Giana Lange. **Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais**. *História da Educação*, Porto Alegre: Asphe, v. 6, n. 11, 2002, p. 117-130.

AMARAL, Giana Lange do; SILVA, Daiani Santos da. A escola complementar de Pelotas e seu impresso estudantil “Complementarista”. In: AMARAL, Giana Lange; AMARAL, Gladys Lande do. (orgs.). **Instituto Estadual de Educação Assis Brasil: entre a história e a memória (1926-2006)**. Pelotas: Seiva, 2007. p.19-24.

ANTUNEZ, José Leonel da Luz. **CAVG: História de um Patronato**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 1996.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de papel: A imprensa e a história da educação. In: JUNIOR, D.G. & JOSÉ, C.S.A.(orgs.) **Novos temas em História da Educação Brasileira**. Campinas: São Paulo. Ed. Autores Associados. 2002

BOUCINHA, Ilo Mendes. ? **ECOS DA MOCIDADE RURAL**, 1953, ano IV, nº 4, p. 1

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. Dormitórios coletivos: uma característica da pedagogia do internar do ensino agrícola federal brasileiro (1934-1967). In: **V Congresso Brasileiro de História da Educação**. Sergipe, 2008a. p. 1-11.

\_\_\_\_\_. A pedagogia do internar. Uma abordagem das práticas culturais do internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão- Se. (1934-1967). In: **V Congresso Brasileiro de História da Educação**. Sergipe, 2008b. p. 1-12.

ECOS DA MOCIDADE RURAL. **Aos leitores**. 15 de agosto de 1949, nº2, p. 4.

\_\_\_\_\_. 1953, ano IV, nº 3.

\_\_\_\_\_. 1953, ano IV, nº 4.

\_\_\_\_\_. 1953, ano IV, nº 5.

\_\_\_\_\_. 1953, ano IV, nº 7.

\_\_\_\_\_. 1953, ano IV, nº 8.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Edições Graal. 25ª Edição. 2008.

JULIÁ, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: SBHE, n. 1, 2001, p. 9-44.

MONTEIRO, Maria Lúcia da Silva. **O Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça. CAVG e a formação para o trabalho no campo**. Tese de doutorado apresentada na UFRGS, 2007.

NERY, Marco Arlindo Amorim Melo. Aprendizados e Patronatos: um cotejo entre dois modelos de ensino agrícola das primeiras décadas do século XX (1914-1934). In: **Revista Tempos e Espaços em Educação**. Vol. 2, p. 25-32, jan. / jun. 2009.

NETO, Bezerra Luiz. **Avanços e Retrocessos na Educação Rural no Brasil. Tese defendida na Unicamp**. Campinas, SP, 2003.

NEUVALD, Luciane. O ensino agrícola no período populista – 1943-1964: o Aprendizado Agrícola de Mato Grosso (atual Escola Agrotécnica Federal de São Vicente – Cuiabá). In: **Rev. Educ. Pública**. Cuiabá. Vol. 5. jul./dez., 1996. p. 71-90.

NOVOA, António. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, Denice Bárbara, BASTOS, Maria Helena Câmara. **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 11-32.

OLIVEIRA, Milton Ramon Pires de. **Formar cidadãos úteis: Os patronatos agrícolas e a infância pobre na Primeira República**. Bragança Paulista, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VICENTE, Magda de Abreu. **O Patronato Agrícola Visconde da Graça em Pelotas/RS (1923-1934): gênese e práticas educativas**. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Humor e irreverência nos impressos estudantis de Escolas Normais Rurais (RS, 1945-1983). In: **Hist. Ed. (online)**. Porto Alegre, vol. 17, nº 40, Maio./ago. de 2013, p. 291-317.